

## **Rádio: poderoso aliado do controle social**

por *Ana Luisa Zaniboni Gomes* e *Sergio Gomes*,  
jornalistas e diretores da OBORÉ Projetos Especiais<sup>1</sup>

Compreendemos os meios de comunicação como verdadeiros agentes do controle social. E a imprensa, por sua natureza e função, um de seus maiores apoios. Entretanto, na configuração atual, podemos constatar que a mídia, em especial os grandes veículos, pouco tem atuado nesse sentido. O vínculo político e econômico e a subordinação das empresas jornalísticas às lógicas da globalização tiraram o foco da imprensa das grandes questões nacionais e locais.

O baixo envolvimento da imprensa nas questões de interesse social foi sinalizado pelo jornalista Marcelo Beraba, ombudsman da Folha de S. Paulo e atual presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – ABRAJI, em sua coluna do dia 9 de outubro de 2005. O tema indutor foi o referendo sobre as armas de fogo. O artigo dizia que a imprensa não estava preparada e nem atenta para os grandes problemas do país e que os temas de suas pautas eram normalmente tratados de forma simplificada e sem continuidade. Lamentava que não seria mais o debate nem a informação isenta mas as propagandas oficiais carregadas de distorções e mistificações que iriam pautar a discussão e o resultado do referendo.

A análise do advogado dos leitores de um dos maiores jornais do Brasil é muito interessante. Aponta que as políticas públicas e os grandes problemas do país estão pouco esclarecidos nos textos dos formadores da opinião pública nacional. Por consequência, suas abordagens agregam pouco significado ao repertório de seus leitores e denotam como é reduzido o terreno em que esses profissionais circulam quando o assunto a ser tratado requer contextualização nos pressupostos dessas políticas. Em especial às sociais, que são as permanentemente desafiadas a resolver os acessos, os meios e as formas de sobrevivência e garantia dos direitos sociais da grande maioria da população brasileira.

Neste contexto, destacamos o importante papel do rádio no Brasil: presente em cerca de 90% dos lares e acessível à quase totalidade da população. Como fazer, se o veículo ainda é pouco envolvido com as questões sociais emergenciais que desafiam o país? Um ambiente radiofônico sintonizado com os problemas sociais reais de seus ouvintes teria condições imediatas de trazer o veículo para mais perto das políticas públicas sem abandonar as principais características do rádio atual, que são a segmentação da audiência e o seu aspecto local.

Entendemos que a mudança do perfil do rádio, afora as condicionantes tradicionais ligadas ao mercado e ao projeto empresarial e político das emissoras, depende em grande parte de seus radialistas. Colaborar para a ampliação do repertório informativo e simbólico desses profissionais, resgatando o papel educador que lhes é peculiar, pode devolver ao rádio seus ouvidos, que aos poucos foram se ensurdecendo, e convocar outras palavras para chegar até os muitos que têm no veículo sua única fonte de informação.

---

<sup>1</sup> *Ana Luisa Zaniboni Gomes* é formada em Comunicação Social pela PUCSP (1986); Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP (2001) e Mestranda em Ciências da Comunicação, Área Interfaces Sociais da Comunicação na ECA-USP. Jornalista profissional, dirige a área de projetos da OBORÉ desde 1991. *Sergio Gomes* é jornalista formado pela ECA-USP (1973); foi professor de Jornalismo Sindical e Comunitário na ECA-USP de 86 a 92; é consultor de análise e planejamento de comunicação; diretor titular da OBORÉ desde 1978; diretor da Associação Brasileira de Imprensa (ABI-SP) e responsável pelo Escritório Paulista da Associação Mundial das Rádios Comunitárias e Cidadãs (AMARC). A produção da OBORÉ pode ser conferida no site [www.obore.com](http://www.obore.com)

A sub-valorização do rádio e do radialista na implementação e no acompanhamento das políticas públicas tem direcionado as atenções da OBORÉ nesta última década. Nosso contato regular com emissoras e alguns dos seus principais comunicadores tem demonstrado a importância de trabalhar pela qualificação do papel protagonista do radialista na mediação das questões de efetivo interesse social. Trazemos aqui um exemplo do que já estamos fazendo.

São Paulo foi palco, no fim dos anos 90, da implantação do Projeto Qualidade Integral de Saúde (Qualis) em dez áreas das regiões norte e sudeste da cidade. A Secretaria Estadual da Saúde, gestora do projeto, reconheceu que necessitava de forte apoio popular e da opinião pública para implantar esse novo modelo, célula inicial do Programa de Saúde da Família em disseminação por todo o território nacional, orientado pelas diretrizes do SUS mas ainda não experimentado em grandes cidades.

O Professor Adib Jatene, à época diretor da Fundação Zerbini - entidade civil ligada ao Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, convida o sanitarista David Capistrano da Costa Filho a assumir o Qualis em 1997. Capistrano imediatamente identifica nessas dez áreas da capital um número alarmante de moradores com tuberculose, uma doença com um diagnóstico absolutamente elementar, cujo remédio é oferecido gratuitamente na rede pública de saúde e com grande chance de cura para quem obedece a prescrição médica: tomar os comprimidos diariamente, durante seis meses e sem interrupção.

O sanitarista procura a OBORÉ para desenvolver um plano de comunicação que ajudasse a reverter o quadro da doença e das mortes por tuberculose naqueles territórios. Para ele, era preciso informar e esclarecer a população sobre o tratamento melhorando a comunicação com todas as casas, pessoas, com os parentes e vizinhos. O trabalho foi montado com base nos resultados de duas pesquisas: uma junto aos 32 coordenadores e agentes comunitários de saúde desses dez centros do PSF das zonas norte e sudeste para identificar como eles se informavam no dia a dia e saber se tinham conhecimento de quais eram os recursos de comunicação existentes em seus territórios de atuação. E a outra junto à população para saber quais os comunicadores em quem as pessoas mais confiavam.

O plano de ação apontou, entre outras coisas, para a criação de um programa de rádio – *Plantão Saúde* – para abastecer as rádios comunitárias dos bairros onde atuava o Qualis. Nasciam, assim, as bases da *Rede de Comunicadores pela Saúde*, atualmente formada por 575 emissoras parceiras (172 comerciais e 403 comunitárias), alcançando 4.131 municípios brasileiros e cerca de 30 milhões de ouvintes potenciais.

Por adesão voluntária, as emissoras firmam com a OBORÉ um Termo de Parceria e Cooperação (TPC) cedendo gratuitamente espaço em suas grades de programação para a transmissão do *Plantão Saúde*, em dias e horários previamente estabelecidos pela direção da rádio. A OBORÉ faz a criação, produção e distribuição mensal desses programas, que têm oito minutos de duração e são montados em dois blocos para facilitar a inserção de publicidade local. No mesmo CD são enviadas mais duas Entrevistas Exclusivas e uma Carta Falada com comentários de pesquisadores, especialistas, dirigentes e profissionais da saúde, dando aos radialistas mais elementos para enriquecer as suas pautas e os seus comentários no ar.

O projeto tem seu monitoramento baseado no *Modelo de Avaliação Permanente* (MAP), ferramenta de gestão desenvolvida especialmente para as redes temáticas de parceria e cooperação da OBORÉ, que utiliza pesquisa por amostragem mensal, rotativa e permanente. Trata-se de método científico reconhecido pela ECA-USP como alternativo às tradicionais formas de medição de resultados de ações de comunicação e educação em rádio. Além do acompanhamento constante dos parceiros, promove um alto volume de adesão espontânea e facilita a produção de pesquisas diversas, como a que indicou que o *Plantão Saúde* é ouvido por uma maioria de pessoas das classes

C, D e E, do sexo feminino e com idade acima de 25 anos. Nota-se que atualmente as mulheres são a voz de decisão dentro dos lares brasileiros e que é preciso considerar a força do rádio como um grande formador de opinião para esse grupo populacional.

Para finalizar, queremos destacar um detalhe importante. Se as diretrizes das políticas públicas são definidas pela sociedade e para a sociedade, mas se essas conquistas nem são conhecidas e nem chegam à grande maioria da população necessitada, algo está errado... Uma aliança entre o controle social e os meios de comunicação poderia revitalizar esse fluxo e é isso que o *Plantão Saúde* procura fazer.

Mas para que os comunicadores atuem e estimulem o controle social, precisam ser igualmente habilitados também para mais essa conversa com os seus ouvintes. Enfim, entendemos que é hora de inverter a lógica tradicional que recai sobre o papel do rádio, baseada nas relações de mercado e pelas agências de publicidade que defendem o jabá testemunhal em detrimento à adesão genuína às causas públicas.

O entendimento sobre o papel do controle social e da participação popular na gestão e fiscalização das políticas públicas é mais um desafio a ser vencido por quem é dirigente comprometido com a cidadania.